

demonstrar que um sistema que elimina as operações de mercado é melhor; é simplesmente uma questão de lógica, e não acredito que tenhamos a resposta. O mesmo vale para todo o resto.

Tradução: Felipe Corrêa

REFORMA E REVOLUÇÃO¹

O recente livro de Barsky² e alguns trechos de seus próprios artigos, escritos ao longo dos anos, fornecem algumas informações sobre o que te atraiu inicialmente ao anarcossindicalismo, e, particularmente, ao trabalho de Rucker, quando você era ainda muito jovem. O que faz com que você venha mantendo essa sua fidelidade há anos, impedindo, por exemplo, sua conversão a algum tipo de sistema de crenças marxista? Você acredita que os anarquistas têm algo a aprender com os socialistas autoritários e/ou vice-versa?

Algumas dessas palavras incomodam-me, como por exemplo “fidelidade”, “conversão”, “sistema de crenças” etc. Não creio que as pessoas devam estar ligadas a um sistema de crenças mais do que às ciências exatas. Esses problemas não são mais simples que as ciências exatas. Não estamos ligados a um sistema de crenças, não nos convertemos. Aprendemos com outras pessoas e ninguém tem a verdade e nem um discernimento completo das coisas. Buscamos isso por toda parte, cometemos nossos próprios erros e aprendemos com os outros.

Isso é verdade em todos os sentidos que podemos imaginar. Não creio que seja uma questão de manter fidelidade. Se começarmos a pensar em lidar com os problemas da vida em termos de fidelidade, conversões, sistemas de crenças e coisas do tipo — se não pudermos aprender com os outros —, isso significará que perdemos. Dessa maneira estaríamos nos afastando do campo do discurso construtivo, racional e moral, no qual surgem todas essas questões.

Tenho certeza que mudei de ideia sobre todos os assuntos nos últimos 60 anos, da mesma maneira que Rucker. Por exemplo, Rucker terminou sua vida defendendo uma espécie de anarcocapitalismo.² As pessoas mudam. Mas o que aprendi com seus trabalhos, além de

¹ Entrevista realizada em março de 1999 por Jon Bekken e Mike Long, publicada nos números 25 e 26 do periódico *Anarcho-Syndicalist Review*. [N. do E.]

² Robert F. Barsky. *Noam Chomsky: A Life of Dissent*. Cambridge, MA: MIT Press, 1997 (resenhado na *Libertarian Labor Review* (LLR) 22, inverno 1997-1998, pp. 34-37). [N. do E. americano]

³ Para uma biografia recente de Rucker, cf.: Mina Grauer. *An Anarchist "Rabbit": The Life and Teachings of Rudolf Rucker*. Nova York: St. Martin's Press, 1997 (rese-

outros — e, de fato, com as coisas que estavam acontecendo, como a Revolução Espanhola —, parece-me ter sido muito válido. Há muito para ser aprendido com outros pontos de vista, incluindo o dos fascistas. Eles também têm coisas inteligentes a dizer. E isso pode ser aplicado em todos os casos. Se aqueles que discordam nos princípios nada tiverem a aprender com os anarquistas, não estarão fazendo uma análise suficientemente valiosa. Acreditar em tudo aquilo que se fala, querendo aprender tudo, é como a religião. Parece-me que a última coisa que os anarquistas querem é considerar a possibilidade de não podermos aprender com as pessoas que têm diferentes crenças, que elas não possam aprender com você, ou que seja uma questão de converter alguém de um sistema de crenças para outro. Se você for uma pessoa sensata, provavelmente terminará construindo seu próprio pensamento com fragmentos e partes de vários sistemas de crenças, e mais alguns outros desenvolvidos por você mesmo.

Seria possível dar alguns exemplos daquilo que você acha especialmente atraente na tradição anarquista? E também dar exemplos dos problemas em relação aos quais os anarquistas teriam interesse, na busca de soluções para outros lugares?

O que me atraiu para a tradição anarquista é que, pelo menos da maneira como eu a entendo, ela baseia-se na constante compreensão da autoridade ilegítima. Devemos buscar essas autoridades ilegítimas e tentar superá-las. Parece uma ideia simples, elementar. Se observarmos a tradição anarquista, os próprios anarquistas estão descobrindo episódios de autoridade ilegítima que eles mesmos protagonizaram. Por exemplo, durante a Revolução Espanhola havia uma questão sobre o forte sexismo da sociedade espanhola, e alguns anarquistas — se me lembro bem, Federica Montseny estava entre eles — acreditavam ser possível concordar com esses hábitos, já que, por exemplo, seria bom para as mulheres serem incomodadas nas esquinas enquanto caminhavam, e assim por diante. Se não me falha a memória, acredito ter sido ela. Mas eu sei que esse debate realmente aconteceu.³ Este é um exemplo da mulher que internaliza a opressão

nhado na LIR #22, inverno 1997-1998, p. 40). Ainda que Rucker tenha mudado suas posições no que diz respeito a várias questões em seus últimos anos, terminando por defender algo bastante similar ao municipalismo libertário de Bookchin, não há indícios de que ele tenha defendido o anarcocapitalismo. [N. do E. americano]

³Para um relato das lutas das mulheres durante a Revolução Espanhola, cf.:

e a degradação, considerando-as benéficas e necessárias. É como um escravo dizer: “Eu gosto de ser um escravo e não me tire dessa situação”. O pior tipo de opressão é aquele que internalizamos. Nesse caso, a luta vinha se dando dentro do próprio movimento anarquista, e corretamente no meu entender. Isso é o tipo de coisa que você não percebe e, quando percebe, luta para superar.

De fato, isso aconteceu aqui na década de 1960, como todos bem sabem. Boa parte do movimento feminista contemporâneo desenvolveu-se fora dos conflitos da nova esquerda, quando as mulheres começaram a adotar seriamente a retórica libertadora e questionaram: “Por que estamos fazendo os piores trabalhos?” E isso trouxe significativos problemas. Jovens garotos que corretamente pensavam ser muito corajosos, por razão de sua rebeldia contra a autoridade, por viverem perigosamente e lutarem contra o sistema de poder, tiveram, de repente, de se olhar no espelho e dizer: “Bem, estou definitivamente oprimindo alguém, e de maneira ilegítima”. Esses não eram problemas pequenos. Conheço pessoas que tiveram sérias dificuldades tentando chegar a um acordo sobre eles. E dentro dos grupos do movimento, houve problemas muito sérios também. Lembro-me deles muito bem. Como você lida com o fato de somente os homens tomarem as decisões e terem autoridade? Como lidar com isso? Nunca demos atenção a esse tipo de coisa, porque era uma forma de autoridade e de opressão que todos tínhamos internalizado, e que nunca havíamos notado. Acreditamos que a autoridade ilegítima deve ser exposta e, uma vez exposta, combatida. E esse parece-me o elemento mais saudável da tradição anarquista. Combater a autoridade imediatamente. E isso se aplica em todos os aspectos da vida.

Você pode dar um exemplo de algo na tradição socialista autoritária que você valoriza?

Houve um debate entre Engels e os anarquistas sobre qual o momento certo para o estabelecimento da sociedade comunista.⁴ Isso

Martha Acklesberg. *Free Women of Spain*. Bloomington: Indiana University Press, 1991. (Não há referência ao incidente que Chomsky descreve aqui. A antologia: David Porter. *Emma Goldman's Writings on Spain: Vision on Fire*, (pp. 255-257) fala em algo muito similar a esse debate, sem dar nome aos principais envolvidos). [N. do E. americano]

⁴Marx, Engels e Lenin. *Anarchism and Anarcho-Syndicalism: Selected Writings*. Nova York: International Publishers, 1972. [N. do E. americano]

deveria ser feito por meio da tomada do poder de Estado, para então se avançar rumo ao comunismo, ou seria desastroso passar pelo estágio da tomada do poder de Estado? Creio que esses não são problemas tão triviais na vida real. Nas situações reais, você pode não ter opção. A opção pode ser tomar o poder do Estado e utilizá-lo, se possível — e então surge a questão, “isso é possível?” — para fins libertadores, ou apenas para aceitar os sistemas de opressão ainda piores. Esses problemas surgem todos ao mesmo tempo. Na realidade, eles surgiram na Revolução Espanhola. Aquela foi justamente a situação em que houve um debate quanto a entrar ou não no governo, e que continua até hoje.⁵ Você sabe, não creio que existam respostas simples para essas questões.

Isso nos leva a uma segunda questão. Em algumas ocasiões recentes⁶ você se disse favorável a um apoio limitado e estratégico aos governos em algumas situações, como um meio temporário de proteger os cidadãos de predadores ainda piores, como algumas corporações multinacionais — “expandindo a área da jaula.”⁷ Alguns anarquistas apoiaram sua posição; mas houve outras reações menos favoráveis, o que você obviamente sabia que aconteceria.

Temos algumas questões sobre esse assunto. Primeiro (assumindo essa distinção momentaneamente), é possível apoiar a função “boa” (por exemplo de proteção ou de bem-estar) do Estado sem, simultaneamente, dar força ao seu lado “mau”, represivo? O Estado é a melhor defesa que as pessoas têm contra as corporações? A maioria dos Estados modernos não é controlada pelas próprias corporações, as quais, em sua proposta, deveriam ser vigiadas? Você se preocupa com a separação entre os meios e os fins que o apoio aos governos acarreta? E as soluções alternativas, como as resistências comunitárias, a organização do “One Big Union”,⁸ ou mesmo a criação de milícias de trabalhadores, todas as

⁵Cf. Vernon Richards: *Lessons of the Spanish Revolution*. Londres: Freedom Press, 1983. [N. do E. americano]

⁶Cf. Noam Chomsky: *The Common Good*. Monroe, ME: Odonian Press/Common Courage Press, pp. 84–86. [N. do E. americano]

⁷Cf. “Tigers and Cages”. Editorial no *Lib Ed* 29, outono de 1998, p. 2; Larry Gambone: “What is Anarchism?”. In: *Any Time Now*, Vancouver, verão 1997, pp. 1–2. [N. do E. americano]

⁸“One Big Union” é uma proposta de setores do sindicalismo revolucionário e alternativo dos EUA (mais especificamente do IWW) para a criação de uma confederação sindical única que agrupe todo o sindicalismo alternativo (sindicatos não corruptos e não criminosos) que está disperso em pequenos sindicatos ou integrado nas federações da AFL-CIO. [N. do T.]

quais permitiriam aos sindicalistas como nós, combater nas batalhas imediatas e, ao mesmo tempo, prefigurar a sociedade que estamos tentando construir?

Finalmente, quais são as implicações do seu argumento para a teoria anarquista ou anarcossindicalista? Por exemplo, você acredita que a oposição tradicional, e que acreditamos ser imutável, contra o Estado, é um princípio anarquista que precisa ser revisto, ou isso é meramente uma exceção temporária e estratégica — talvez da mesma maneira que uma anomalia no desenvolvimento da teoria na ciência — que deixa o princípio intacto (e, assim, muitas das análises anarquistas tradicionais do poder)? No primeiro caso, existem outros princípios supostamente fundamentais em relação aos quais você acredita já está na hora dos anarquistas terem uma visão mais crítica?

São muitas coisas. Lembre-me daquilo que eu esquecer. Primeiramente, deixe-me apenas buscar as origens disso. Essa afirmação não é minha, mas do movimento de trabalhadores brasileiros. Os trabalhadores brasileiros tinham algumas escolhas. Uma delas era simplesmente se subordinar a um poder absolutamente brutal. A outra era tentar expandir, em alguma proporção, a estrutura em que atuavam, e, dessa maneira, caminhar para algo além — reconhecendo que estavam numa jaula, um sistema de opressão. Ora, algum anarquista sério veria um problema em relação a ser feita? Digo, eles deveriam permanecer sob um sistema de opressão muito mais duro, em vez de conquistar alguns direitos, utilizando essas vitórias como base para algo além, descobrindo que as vitórias são possíveis, e dar continuidade a elas? Acredito que não. E nem acho que isso seja uma questão.

Consideremos algo concreto: o governo dos EUA. Ele não deu de presente as leis da OSHA,⁹ mas foi forçado a aceitá-las. Às vezes o governo não aplica essas leis, mas em alguns casos é obrigado a isso. Quando ele é forçado a aplicá-las, isso salva vidas. Muitos trabalhadores morrem e se machucam no trabalho. Nos anos Reagan, o governo parou de aplicá-las e o número de feridos aumentou enormemente — quase triplicaram. Tomemos a greve da fábrica de alumínio Ravenswood alguns anos atrás, que foi feita, em certa medida, por razão dessas questões, aliás, em grande medida por razão dessas questões. Os gestores intervieram para que os operários trabalhassem em turnos de dois trabalhadores em — como eles chamam essas coisas?

⁹Occupational Safety and Health Administration [Administração da Saúde e da Segurança no Trabalho]. [N. do T.]

— poucos ou algo tipo, onde se funde ferro a mais de mil graus Celsius. Condições difíceis. Os trabalhadores eram forçados a trabalhar sob condições tão pavorosas que alguns deles morriam. E isso levou às exigências para que as leis de segurança e saúde fossem aplicadas. E então aconteceu um *lock-out*, uma campanha e finalmente a vitória dos grevistas, que tiveram um apoio internacional bastante significativo. Mas o essencial foi a aplicação das leis da OSHA, para impor primeiramente multas triviais, mas depois multas bastante severas, de 250 mil dólares, por exemplo, pela violação das leis de segurança e saúde. Sem entrar nos detalhes, alguém tem dúvida sobre a posição que deveríamos tomar nessa situação?

Esse é o tipo de questão que surge a todo tempo. Vivemos nesse mundo, e não em outro. Podemos querer outro mundo, mas estamos vivendo neste, e se queremos ser relevantes para os seres humanos, se queremos resolver seus problemas, e que eles nos ajudem a resolver os nossos, devemos aprender juntos como prosseguir a um próximo estágio. Se você quer fazer parte do mundo, deve aceitá-lo tal como é. Se o problema dos operários é que eles morrem pela falta de aplicação das leis, acontece que neste mundo há somente uma instituição que pode aplicá-las, o governo — que pode aplicá-las precisamente porque ele não é totalmente controlado pelas empresas. Sim, ele é, em grande medida, controlado pelas empresas. Apesar disso, o governo neste mundo é diferente da General Electric (GE). A GE, de fato, e por princípio, é uma tirania e ponto final.

Você não tem o que dizer sobre isso. O governo, a princípio, algumas vezes, submete-se à influência popular e pode ser obrigado a introduzir medidas como as leis da OSHA, que podem salvar vidas e que, nesse caso, podem conduzir a uma vitória significativa dos trabalhadores. Além de salvar vidas, podem ainda ajudar na sindicalização das fábricas e assim por diante. Devemos nos recusar a utilizar os mecanismos que estão disponíveis para salvar as vidas das pessoas, para melhorar suas condições, para ajudá-las a compreender que ainda podemos ir muito mais longe? Não acredito que isso faça qualquer sentido. E, de fato, acredito que ninguém tem dúvidas sobre isso.

Quando vocês vêm aqui, por exemplo, se vierem de avião, não apenas estarão apoiando o Estado, mas também o Pentágono. O que é um avião comercial? É um bombardeiro modificado. Não há maneira de viver neste mundo sem compartilhar das instituições que o constituem. Podemos dizer que não nos preocupamos com os

problemas dos outros — se um metalúrgico for morto ou se uma mãe pobre passar fome por falta de medidas assistenciais —, e não nos preocupamos, pois, fazer alguma coisa significa utilizar os mecanismos disponíveis e a única instituição existente que, em alguma medida, está submetida ao controle e à influência popular. Poderíamos dizer isso, mas então vamos parar de fingir que lutamos pela emancipação e pela liberdade, porque não lutamos. Talvez isso soe bem em um seminário acadêmico sobre teoria anarquista. Mas não é uma posição adequada se nos vemos como parte de uma luta pelos direitos, pela liberdade, contra a autoridade etc. Se é isso que vocês buscam, não creio que haja escolhas a fazer.

Nesse sentido, esse seria um exemplo do que, do seu ponto de vista, estaria errado na teoria anarquista?

Não. Não acredito que qualquer teoria anarquista possa negar isso. Não posso acreditar que Kropotkin, Bakunin, Rucker ou qualquer outro diria: “Não queremos a aplicação de leis de saúde e de segurança para salvar as vidas dos trabalhadores porque isso reforça o Estado”. Não acredito nisso.

Isso é muito claro. Considere os salários, digamos, o “salário mínimo digno”.¹⁰ Neste momento existem muitas campanhas acontecendo em nível local, as quais insistem naquilo que é chamado de salário mínimo digno, o que significa aumentar de forma real o salário mínimo legal até o nível em que ele deveria estar, se tivesse acompanhado o crescimento da economia.¹¹ Até aproximadamente a década de 1960, a legislação do New Deal relacionava o salário mínimo legal com os índices de produtividade, de modo que, se a economia crescesse, ele também cresceria. Dentro de um sistema social-democrata, realmente não se questiona o controle e a dominação, mas pode-se insistir em algumas medidas de equidade.

Isso fazia sentido naquela estrutura. Em meados da década de 1960, separou-se os índices econômicos e os salários, e o salário mínimo legal ficou praticamente fixo, ao mesmo tempo em que a

¹⁰Utilizamos esse termo para fazer a diferenciação entre o que os americanos chamam de “living wage”, ou seja, o salário mínimo “digno”, suficiente para um trabalhador e sua família viverem em condições satisfatórias, e o termo “minimum wage”, que é o salário mínimo “legal”, ou seja, o salário mais baixo, definido em lei, que pode ser pago aos trabalhadores que têm carteira assinada. [N. do T.]

¹¹Robert Pollin e Stephanie Luce falam sobre economia e política da campanha do salário mínimo digno em: *The Living Wage: Building a Fair Economy*. Nova York: The New Press, 1998. [N. do E. americano]

economia crescia. Se elevarmos esse salário mínimo ao nível que ele teria atingido se continuasse acompanhando a produtividade, ele teria aproximadamente dobrado. E você sabe, dobrar esse salário salvaria a vida de muitas pessoas, mudaria as coisas enormemente. As pessoas continuariam na linha de pobreza e não estaríamos colocando em xeque o trabalho assalariado e a dominação, mas há uma grande diferença entre estar na linha de pobreza ou abaixo dela. É uma diferença para você, para seus filhos, para sua família, para suas oportunidades e várias outras coisas que você pode imaginar — tudo.

Agora, uma lei sobre o salário mínimo digno é uma lei. Ela passa por alguma organização governamental. Por esse motivo, é errado lutar pelo salário mínimo digno? Acredito que não. Lutar por esse salário é também uma maneira de fazer as pessoas entenderem: “Olhe, nós podemos vencer. Não temos de aceitar o que acontece conosco. Há formas de agir. Podemos agir juntos e conquistar coisas.” E aí você vai dizer: “Por que fazer isso por meio do governo?”. Isso nos leva à questão das alternativas. Podemos construir alternativas? Sim, se soubermos que é possível fazer alguma coisa. Se as únicas opções disponíveis forem simplesmente seguir as ordens sendo você mesmo, ou tentar distingui-las da melhor forma possível num ambiente opressor, você também não estará criando alternativas.

Voltemos às alternativas. As campanhas que têm o governo como interlocutor são alternativas? Por que não organizá-las simultaneamente com outras ações? Você acha que deve escolher: ou vou fazer uma campanha exigindo o salário mínimo digno ou vou lutar pelo “One Big Union”? Não, faça os dois.

Não são escolhas contraditórias, mas formas diferentes de abordar toda a rede de problemas utilizando os meios que estão disponíveis. E esses meios podem apoiar uns aos outros. Eles tendem a apoiar uns aos outros. Você tem uma vitória aqui, volta-se para outra coisa. Essas vitórias podem contribuir com o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores. Isso faz as pessoas compreenderem que é necessário estar juntas, identificar a opressão e enfrentá-la. Vencemos aqui hoje e podemos vencer amanhã em outras circunstâncias. Essas são as dinâmicas da luta social. Não creio que seja uma questão de escolha.

Voltando à questão da teoria, devo dizer que fico muito desconfiado quando ouço a palavra “teoria” ser utilizada em algo que tem a ver com assuntos humanos. Digo, o conhecimento é muito pequeno. Não há nada que mereça o termo “teoria”, quando você tem proble-

mas, determina soluções não óbvias e depois as verifica. O termo “teoria” é utilizado apenas como um meio de autopromoção. Você tem alguns pensamentos e ideias que estão juntos e quando quer que eles soem melhor, dá o nome de teoria. Com exceção de poucas áreas do desenvolvimento intelectual humano, o termo é mais utilizado para a autopromoção. Você sabe, teorias sociais, teorias literárias, esse tipo de coisa. Geralmente é um tipo de senso comum “bem-vestido”, algumas vezes ideias interessantes, mas não nos impressionamos tanto conosco.

Se a teoria anarquista tiver princípios absolutos, há algo errado com ela. Não há uma compreensão profunda para que ela possa expressar princípios absolutos. Ela pode expressar algumas preferências, ideias, princípios-guia, mas deve sempre poder ser questionada, pois realmente não sabemos o suficiente.

Considere, digamos, a questão da escravidão assalariada. Gostaríamos de ver, e todos os anarquistas gostariam de ver, ela ser superada, o que não é uma ideia original. Também acreditavam nisso os trabalhadores americanos 150 anos atrás, que nunca tinham ouvido falar de anarquismo. Sempre se reconheceu que a escravidão assalariada não difere tanto da própria escravidão, um reconhecimento bastante profundo.

Mas nós realmente sabemos como organizar uma sociedade sem essa escravidão assalariada? Talvez descobrarmos que isso é impossível. Eu não acredito que seja. Mas qualquer um que não esteja aberto a essa possibilidade não está sendo muito sério. Não sabemos o suficiente sobre a organização de sociedades. É possível que uma estrutura social complexa — algo como o que existe hoje, com bilhões de seres humanos, algo muito complicado — exista e funcione sob os princípios em relação aos quais os anarquistas estão comprometidos?

E a Espanha de 1936? A Mondragón hoje? Não são exemplos suficientes de duração considerável?

Há muitos problemas. A Mondragón está enfrentando problemas muito sérios e vocês sabem disso melhor que eu.¹² Não sabe se deve explorar o trabalho para continuar competitiva, mudando suas operações de lugar. É possível superar esses problemas? Há problemas com a autogestão. Há problemas bem conhecidos com

¹²Cf. Mike Long, *The Mondragón Co-operative Federation: a model for our times?*, LTR 19, inverno de 1996, pp. 19-36; Jon Bekken, *The Limits of “Self” Management Under Capitalism*, LTR 21, inverno-primavera de 1997, pp. 29-32. [N. do E. americano]

as empresas geridas pelos trabalhadores ou de sua propriedade. Em outras palavras, elas estão fora do mercado por opção própria ou foram expulsas? Se elas saíram por vontade própria, então há uma outra configuração dentro do sistema capitalista. Como superar isso? Pode-se pensar em algumas maneiras — integrando estruturas comunitárias e unidades de produção e assim por diante. Mas qualquer um que diga: “Eu sei que isso vai funcionar”, não está sendo sério. Não temos como saber.

São essas coisas que teremos de aprender a partir das experiências pessoais. Uma pessoa diz: “Você aceitar trabalhar nesse escritório de direito, ou, vou entrar para o governo, pois assim, utilizarei a autoridade e o poder que terei para ajudar as pessoas”. E logo as pessoas se veem utilizando essa autoridade e esse poder para tudo, menos para ajudar as pessoas.

Mas é comum continuar com a mesma ideologia, dizendo: “Sim, estou ajudando as pessoas. Se fosse para ficar de fora, como vocês, eu não teria condições de ajudar como agora estou fazendo”. E sabemos a que esse tipo de atitude conduz. Devemos, portanto, estar atentos a essas coisas. Isso é parte da psicologia humana, à qual todos estamos submetidos, e, de alguma maneira, devemos tentar combater esse perigo enquanto continuarmos a utilizar as alternativas disponíveis. É assim que são as coisas.

Há uma polémica interessante nesse sentido no Partido dos Trabalhadores (PT) brasileiro: um caso interessante. Creio que esse é o movimento popular mais efetivo do mundo que conheço, mas o Partido dos Trabalhadores, que é o guarda-chuva social-democrata com membros radicais que dele fazem parte, está se tornando um tanto quanto personificado. Lula é como se fosse um líder perpétuo. Tive uma longa conversa com ele da última vez que estive no Brasil e ele me disse que não concorreria mais às eleições presidenciais, porque caso continuasse concorrendo, o partido acabaria se tornando seu partido pessoal, e não seria mais um partido do povo. Lula é um metalúrgico que estava no lugar certo na hora certa. Ele não quer que o PT seja seu partido, e, por isso, resolveu que não concorreria mais às eleições. Certo, a consequência dessa decisão seria o desmoronamento do partido pois não haveria um representante para os vários grupos que estão de baixo desse guarda-chuva. Uma situação que não é fácil de ser resolvida, pois há uma série de conflitos envolvidos.

Não há teoria que diga o que fazer nesse caso. É como as decisões que temos de tomar constantemente em nossas vidas. Qualquer um

de nós que esteja numa posição semelhante terá de perguntar: “Você causar mais danos ou mais benefícios se eu continuar concorrendo às eleições, com a grande probabilidade de o partido tornar-se um partido pessoal?”. Talvez eu até decidisse que essa é a maneira correta, no pior dos casos. “Ou devo descartar as condições existentes, impedindo que aquilo que foi conseguido desmorone?”

Essas decisões nunca são fáceis e aparecem a todo momento. Nós deparamos com esse tipo de decisão, por exemplo, tentando educar nossos filhos. Não há interação humana na qual não nos deparemos com esse tipo de escolhas. É como num ambiente acadêmico, em que nos deparamos com essas questões constantemente. Por razão da existência de estruturas de autoridade, não podemos evitá-las. É como quando alguém decide se esse ou aquele estudante será capaz de continuar na escola e graduar-se. É assimétrico. Talvez exista uma maneira de lidar com isso que ninguém vê. Todavia, de qualquer forma, a estrutura existente não oferece maneiras de lidar com isso, e temos de lutar para encontrá-las o tempo todo.

Seu pai era membro do Industrial Workers of the World (IWW), e você também se afiliou há pouco mais de dois anos. Quais são suas impressões sobre os Wobblies,¹³ e quais são as perspectivas que você vê para o “One Big Union” nos próximos anos? Quais são suas opiniões sobre os sindicalistas revolucionários industriais que atuam nos sindicatos tradicionais — por exemplo, nos sindicatos associados agrupados na AFL-CIO, no IUC (Trades Union Congress) ou no ACTU (Australian Councils of Trade Unions) —, em outras palavras, buscando “ganhar espaço” dentro deles, entendendo esta como uma estratégia distinta daquela que sustenta a construção de outros sindicatos industriais, como o IWW, a CNT, a CGT, a SAC (Sveriges Arbetares Centralorganisation) entre outros?¹⁴

Meu pai realmente foi um membro do IWW, o que ele me disse bem depois de eu ter conhecido o sindicato. Ele era um imigrante do Leste Europeu, havia desembarcado por aqui há pouco tempo, trabalhava numa fábrica com péssimas condições de trabalho, não sabia falar inglês direito e vivia em condições miseráveis. Foi então que apareceu um rapaz, que parecia estar a favor dos trabalhadores, propondo que ele entrasse para o sindicato, com o que ele concordou.

¹³ Apellido pelo qual são conhecidos os membros do IWW. [N. do T.]

¹⁴ As siglas sem descrição fazem parte do glossário ao final do livro. [N. do E.]

Isso terminou no IWW. Eles estavam se organizando nas fábricas, algo interessante, e dizendo as coisas certas.

O que eu acho do IWW? Acredito que há boas ideias, mas eles tem de encontrar maneiras de tornar-se parte essencial da consciência das pessoas comuns, trabalhadoras ou não, e isso não é uma tarefa simples. Há aspectos de sua estrutura que, pessoalmente, me incomodam. Na realidade, tenho dificuldades de lidar com o IWW. Do meu ponto de vista, há muita burocracia para a resolução de questões técnicas simples, como lembrar todo mês os associados de darem sua contribuição. Eu simplesmente não consigo lembrar todo mês. Gostaria, de alguma maneira, de evitar esses assuntos mais técnicos. Não gosto de fazer parte de organizações, de ir a reuniões, de preencher documentos, e acredito que há muitas coisas desse tipo acontecendo. Talvez muita energia esteja sendo gasta nisso. De qualquer forma, essa é uma questão insignificante, e há maneiras simples de resolvê-las.

Creio que as questões mais difíceis são aquelas sobre o que fazer quando existem organizações paralelas. Trabalhar dentro de sindicatos industriais como o AFL-CIO ou criar outros? O problema, novamente, pode ser a palavra "ou". Por que não fazer os dois? Suponha que você estivesse na empresa de alumínio Ravenswood — tomemos esse exemplo. Teria sido um raciocínio extremamente equivocado, em termos das esperanças para a organização futura, e teria sido realmente imoral, esquecendo qualquer teoria, não participar da luta dos trabalhadores que estavam tentando sobreviver naquelas condições. E a maneira de fazer isso era por meio do sindicato, o sindicato dos metalúrgicos, que não é uma organização maravilhosa. Então você diz: "Estou com vocês, trabalhando no sindicato dos metalúrgicos". Ao mesmo tempo, você pode estar organizando um agrupamento do IWW dentro dele, mostrando o que está errado com o sindicato dos metalúrgicos, e que ele faz parte do problema que está ocorrendo. Isso acontece o tempo todo. Como por exemplo nas greves de Illinois alguns anos atrás, na Staley e na Caterpillar. Houve um *lock-out*, num esforço cruel feito pelos gestores para destruir o sindicato. Ao mesmo tempo, os trabalhadores foram traídos pela liderança sindical. É importante compreender essa realidade e você tem de compreendê-la quando trabalha com lideranças. E essa compreensão, de fato, trouxe mudanças na liderança, e mudanças saudáveis.

A vida é assim. Temos de fazer todas essas coisas ao mesmo tempo. Não são alternativas para escolhermos entre uma ou outra. O problema é conceber as maneiras de combiná-las. Se você for um marxista-leninista sectário e tiver um livro de regras, pode apenas sentir e ler o seu livro, independente das circunstâncias.

Aí você se levanta numa reunião e diz: "Vamos esmagar os capitalistas e destruir o Estado", e coisas desse tipo. Isso é bom se você quer fazer qualquer coisa. Mas se você quer ter um papel significativo no avanço em direção aos ideais que diz defender, então você terá de se ajustar. Deverá aprender com os outros. Deverá modificar aquilo que está fazendo, suas escolhas e tudo mais, de acordo com as opções que estiverem disponíveis e o nível de consciência e de preocupação das pessoas com as quais você estiver lidando, e que você pode não compreender. Você terá de aprender isso com elas.

Você está me dando a impressão de ser muito mais pragmático do que eu jamais poderia imaginar! Um exemplo foi o "expandir a área da jaula". E agora, dupla afiniação e dupla estratégia nos sindicatos.

Eu não quero dizer que essa seja uma fórmula para tudo. É algo que algumas vezes poderia ser razoável. Por exemplo, no caso que estávamos falando, creio que seria razoável. Em outros casos, poderia não ser.

Posso ouvir alguns socialistas autoritários gritando: "É isso que nós sempre dissemos!". Há algumas coisas que são claramente distintas, mas esse seu ponto de vista, elas com certeza apoiariam. Essa é, e sempre foi, a posição de grupos como a Militant Tendency da Inglaterra. É a posição do WSA (Workers Solidarity Alliance), o que não deixa de ser engraçado, já que seus militantes buscam "ganhar espaço" dentro de outros sindicatos, mesmo estando na AIT.

Todavia, lembre-se de que há uma diferença. Você pode "ganhar espaço" da maneira que faz um partido de vanguarda — o qual busca conseguir o controle sobre a classe trabalhadora, a partir de um comitê central, dizendo que, de alguma maneira, fará coisas maravilhosas. Ou você pode concordar em dar apoio às pessoas que têm de trabalhar em condições horríveis. Sim, você pode concordar com isso. E, nesse sentido, vocês todos estão buscando ganhar espaço dentro do sindicato, mas com uma concepção diferente em mente. E isso se evidencia muito rápido nas situações práticas.

É há outra coisa sobre a organização da comunidade e do local de trabalho. Essas também não são alternativas para escolhermos

entre uma ou outra. São ambas necessárias e, a menos que estejam integradas, nenhuma delas funcionará.

Eu não sou um oráculo. Se há algo de correto naquilo que estou dizendo, deve ser um senso comum. Se não for, provavelmente devo estar errado. Ningüém, nem eu seguramente, tem compreensões profundas sobre como devemos lidar com os problemas sérios da vida, que são quase sempre problemas táticos. Você sabe, as pessoas tendem a dizer que as táticas não são importantes, mas elas possuem implicações humanas. As táticas são escolhas muito difíceis e nos deparamos com elas a todo tempo. Considere a desobediência civil, as atividades de resistência — digamos, a destruição de mísseis nucleares. Essa é a tática correta ou não?

Algumas pessoas recebem respostas de Deus, mas nisso eu não estou interessado. Se você não recebe as suas respostas de Deus, se isso não se trata de algo entre você e ele, mas entre você e o bem-estar da vida, será uma questão muito difícil de ser respondida. Algumas vezes uma tática pode estar completamente errada. Ela pode alienar as pessoas, reforçar o apoio à autoridade e ao militarismo e marginalizar os protestos. Ela pode ter todos esses efeitos. Você deve se perguntar: "A utilização dessa tática produzirá ditos efeitos, ou fará com que as pessoas reflitam sobre coisas que não percebiam e, talvez, fará com que elas deem passos por si mesmas, o que nunca tinham feito antes?" O que realmente aconteceria? A ação em si mesma não está certa nem errada. Se estivermos fazendo as coisas com seriedade, nos prepararemos com trabalho de organização e de educação suficientes, de forma que as pessoas entendam isso de maneira construtiva. Caso contrário, será não apenas perda de tempo, mas até algo prejudicial.

Apenas um pequeno parentese. Você mencionou que há uma diferença real, que se manifesta de maneira muito rápida, entre aqueles que estão buscando "ganhar espaço" de maneira autoritária e aqueles que estão trabalhando com as pessoas nas lutas imediatas, e ao mesmo tempo sustentando esse projeto mais amplo. Estou chocada com o exemplo de Rose Pesotta, que trabalhou no ILGWU (International Ladies Garment Workers' Union) e tornou-se uma oficial. Ao mesmo tempo, havia outros que diziam que aquele era um sindicato comprometido com uma aliança com os patrões, e houve conflitos nesse sentido.¹⁵ Como essa diferença realmente se manifesta?

¹⁵Elaine Leeder. *The Gentle General: Rose Pesotta, Anarchist and Labor Organizer*.

Ela se manifesta de muitas maneiras diferentes. Como lidar, exatamente, neste momento, por exemplo, com as *maquiladoras* na Guatemala? Não é algo comum. Queremos lutar por padrões decentes de trabalho na Guatemala, mas não queremos que aquelas mulheres guatemaltecas pobres, as quais estão sendo destruídas, passem fome até a morte caso as fábricas mudem-se para outro lugar. As questões de solidariedade internacional que enfrentamos de imediato são muito sérias. Uma das razões — eu nunca escrevo sobre isso — é que não há fórmulas. Cada situação é diferente e deve ser analisada em seus próprios termos — a partir das mesmas ideias-guia, que resultarão em várias e distintas conclusões, dependendo das circunstâncias.

Outro exemplo. Considere os economistas que defendem que se tentarmos impor padrões decentes para os trabalhadores do comércio apenas prejudicaremos os pobres, que não vão conseguir empregos. Há muita coisa errada com essas ideias, mas há circunstâncias em que elas podem estar corretas. Se não houvesse uma solidariedade internacional suficiente, capaz de impedir a indústria têxtil de se mudar para outro país com condições de trabalho ainda piores, dessa forma, sim, você estaria prejudicando aquelas pessoas ao insistir no estabelecimento de padrões decentes de trabalho. E não sabemos. Não há uma resposta genérica para todos os casos. Sabemos quais são nossos objetivos, mas teremos de seguir por diferentes caminhos para alcançá-los. Algumas vezes, trabalhar em sindicatos corruptos e até criminosos pode ser melhor do que outras alternativas.

As acusações de promoção do anarquismo de estilo de vida, feitas à grande parte do movimento anarquista, voltaram à tona recentemente, numa publicação de Bookchin.¹⁶ Você acredita que essa questão do anarquismo de estilo de vida existe de fato? De maneira mais geral, quais são suas posições sobre a estratégia, defendida por algumas pessoas, de se concentrar em primeiro, em segundo e em terceiro lugar na organização industrial, pela local de trabalho, preocupando-se depois com as questões comunitárias? E quais perspectivas, se é que há alguma, você vislumbra para uma forte, ou mesmo exclusiva atuação em nível comunitário, como que, por exemplo, em alguma variação

Albany: State University of New York Press, 1993. Para uma perspectiva mais crítica, cf.: Sam Dolgoff. *Fragments*. [N. do E. americano]

¹⁶Murray Bookchin. *Social Anarchism or Lifestyle Anarchism: An Unbridgeable Chasm*. Edinburgh-San Francisco: AK Press, 1995. Cf. Murray Bookchin. *Anarquismo, crítica e autocrítica*. São Paulo: Hedra, 2011. [N. do E.]

do "municipalismo libertário" de Bookchin,¹⁷ que minimiza a importância da organização industrial ou mesmo a ignora completamente, afirmando que ela é (para simplificar) irrelevante numa sociedade "pós-industrial"?

Bem, quanto ao estilo de vida, acredito que deveríamos tentar criar um mundo em que as pessoas tivessem a maior liberdade possível para escolher seus próprios estilos de vida, sem serem ridicularizadas, oprimidas e mortas. Mas é claro que há limites. Se o estilo de vida de alguém implicar bater na cara dos outros, a comunidade não aceitará tais atitudes. Por isso, aqueles que dizem: "Você restringir seu estilo de vida" têm obrigação de justificar essa atitude.

Creio que essa crítica ao anarquismo de estilo de vida esteja voltando à tona, devido a alguns posicionamentos. Por exemplo, algum tempo atrás, eu estava numa reunião e as pessoas falavam da necessidade que tínhamos de superar o capitalismo, e alguém disse que trabalhar para um capitalista era reforçar o capitalismo, e que deveríamos, portanto, viver em squats e comer sobras de restaurantes.¹⁸

Bom, se é isso que a pessoa quer fazer, tudo bem. Mas você sabe que a maioria delas vai querer uma vida para além disso. Elas vão querer ter coisas, vão querer que seus filhos tenham coisas, que eles sejam educados, vão querer ter a possibilidade de ter uma hora para caminhar no bosque, enfim, muitas outras coisas. Se você quer essas coisas, terá de aceitar algumas características da sociedade existente. Para algumas pessoas, talvez para os privilegiados, seja possível "jogar esse jogo", mas a maioria das pessoas não pode. Então, se esse é seu estilo de vida, tudo bem, mas não fique querendo impor seu estilo aos outros. Se outros o escolherem, muito bem, mas não creio que muitos o farão. E se não o fizerem, tudo bem. As pessoas têm o direito de escolher seus estilos de vida, ainda que isso envolva compromissos como trabalhar para um patrão. Se isso expandir a sua jaula o máximo possível, pode ser a escolha correta. Não temos o direito de dizer para as pessoas não fazerem isso.

¹⁷Murray Bookchin. *The Philosophy of Social Ecology*. Montreal: Black Rose, 1995. Duas introduções ao municipalismo libertário são: Murray Bookchin, "The New Municipal Agenda." In: Janet Biehl (org.), *The Murray Bookchin Reader*. Londres: Cassell, 1997. pp. 173-196; Janet Biehl, *The Politics of Social Ecology: Libertarian Municipalism*. Montreal: Black Rose, 1998. [N. do E. americano]

¹⁸Squats são ocupações urbanas, muito comuns na Europa e nos EUA, levadas a cabo geralmente por jovens. Os moradores dos squats costumam comer as sobras de grandes lancheonetes e restaurantes dispensados no final do dia. [N. do T.]

Se o anarquismo de estilo de vida envolver a imposição de estilos de vida aos outros, não estou de acordo. Se for uma questão de se dizer: "Tenho o direito de ter o meu próprio estilo de vida e, a menos que eu esteja te prejudicando, você não tem o direito de me dizer para não adotá-lo", então eu estou de acordo. Não vejo mais nada implicado nessa questão.

Com relação às sociedades pós-industriais e o comunitarismo exclusivo, não creio que o que você diz esteja correto. As pessoas sempre trabalham juntas, seja numa fábrica ou em qualquer outro lugar, e nesses locais, apenas as atividades comunitárias acontecem. E, de fato, se não houvesse atividade comunitária acontecendo, não haveria nada. Considere esse departamento acadêmico. É uma pequena unidade, mas todos trabalham juntos. E você não pode falar que há contribuições de uma só pessoa. É como quando converso com um estudante. Estou aprendendo com ele e espero que ele esteja aprendendo comigo. Ambos estamos modificando nossa forma de pensar. Nós trabalhamos juntos, trabalhamos com os outros...

Essas são unidades sociais que funcionam para produzir algo. Nesse caso, não são apenas relações, mas algo além disso. Toda a sociedade é organizada dessa maneira, e se não fosse, as pessoas estariam sendo diminuídas. Eu odiaria um mundo que não fosse assim, um mundo em que todos ficassem sentados em seus computadores enviando sua produção para outras pessoas. Seria o próprio inferno. Mas isso não existe, não vai existir e temos sorte por isso.

Contanto que as pessoas estejam vivendo criativamente suas próprias vidas, espero que da maneira mais criativa possível, e em grupos — e essa é uma grande parte da criatividade, uma parte fundamental dela —, surgirão questões sobre como esses grupos devem se organizar. Num mundo real, esses grupos podem ser muito grandes, podem envolver subgrupos, o que envolve a questão do federalismo. Nesse momento, surge a questão de como eles interagem com outros tipos de grupos dos quais as pessoas fazem parte. Você não é apenas parte de seu local de trabalho, você também é parte de sua comunidade. E ela deve ser organizada. O que você vai fazer com as escolas, as estradas, os sistemas assistenciais etc.? São apenas questões distintas. Elas requerem diferentes tipos de organização e as pessoas estão envolvidas em todas elas. Não são duas alternativas para escolhermos entre uma ou outra; uma não sobreviverá sem a outra. Enquanto a organização do local de trabalho e da comunidade existirem, ambas sobreviverão. Não é uma questão de escolha.

Você tem uma história longa e extraordinariamente admirada de apoios generosos em favor de muitas lutas de "libertação nacional" no mundo. O que você diria para os anarquistas que têm interesse de lutar contra as violações massivas de direitos humanos e outras formas ostensivas de injustiças sociais, cometidas sob a supervisão ocidental, em países como Vietnã, Camboja, Palestina, África do Sul, Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Filipinas, Indonésia, Timor-Leste — tragicamente, essa é uma lista parcial —, mas que se recusam a apoiar os movimentos de "libertação nacional"? Eles argumentam que a ideologia predominante nesses movimentos, geralmente, é um nacionalismo autoritário implacável, sempre acompanhado de variantes do marxismo-leninismo ou do maoísmo. Esses movimentos querem tomar o controle das estruturas estatais existentes e não modificá-las, e podem ser tão brutais e corruptos como os regimes superados, uma vez que estiverem no poder.

Isso é verdade, e eu nunca percebi estar apoiando movimentos de libertação nacional. Por isso não apoiei os sandinistas, a Organização para Libertação da Palestina (OLP) ou a liderança vietnamita e assim por diante. Eles sabiam disso.

Lembro-me de minha visita à Indochina no fim dos anos 1960. Eu fiz a rigorosa entrevista com Pham Van Dong, o primeiro-ministro, e quando entrei na sala, ele estava sentado, cheio de pompa, com uma tradução francesa do meu livro *O poder americano e os novos mandarinis* em sua mesa. Ao começar a conversa — falávamos em francês —, perguntei o que ele tinha achado do livro e ele respondeu que era "trop anarchiste" — muito anarquista. Sabíamos exatamente nossas posições naquele momento, e não estávamos na mesma sintonia. Se eu estivesse apenas tentando acabar com a guerra dos EUA contra o povo do Vietnã, tudo bem, mas eu seguramente não apoiaria o que ele estava fazendo, e ele sabia disso. Dessa maneira, nada tivemos a tratar sobre questões ideológicas. Eu não estava apoiando seu governo ou seu movimento; estava apoiando o direito das pessoas serem livres da dominação e, nesse caso, do massacre estrangeiro.

É a mesma coisa em todos os outros casos. No caso dos palestinos, a primeira vez que falei sobre o tema, foi para criticar a OLP, mas foi uma crítica interna. Acredito que os palestinos devem entender os problemas, e provavelmente melhor do que eu. E por isso estamos apoiando seu direito de livrarem-se da tortura e da repressão, e também seu direito de fazerem aquilo que possa nos parecer errado.

Eles têm o direito de escolher aquilo que acham melhor, ainda que eu julgue a escolha errada, porque eu não sou Deus, não sou um ditador, e posso tentar explicar que eles estão errados. E talvez eu esteja errado. Mas se essa for a escolha deles, então tudo bem; eles têm o direito de escolher e de não serem impedidos de fazer isso pela força e pela violência vindas de fora. Isso é tudo o que para mim significa apoiar um movimento de libertação nacional.

Foi o mesmo na Nicarágua. Quando costumava ir para a Nicarágua nos anos 1980, eu era constantemente chamado pela liderança sandinista que me pedia para explicar o porquê de minhas posições tão críticas em relação a eles. Na verdade, eles estavam confusos; não entendiam. Falávamos sobre o tema e eu tentava explicar que acreditava que eles estavam cometendo sérios erros, que deveriam repensar as coisas e que provavelmente seriam derrotados. Eu acreditava que eles perderiam numa eleição livre e disse isso a eles. Não vejo qualquer contradição entre isso e a oposição à agressão dos EUA e ao terror na Nicarágua.

É, de certa maneira, a mesma coisa que a questão de não sabermos onde nos organizar. Digo, eu não me organizo numa fábrica de aço e isso acontece pois não estou lá. Por isso não me organizo lá. Se os metalúrgicos quiserem, por exemplo, fazer uma reunião para apoio de uma greve, terei prazer em participar e fazer uma palestra. Eu ficaria feliz de fazer isso, e esse é o tipo de contribuição que posso dar de onde estou. Mas eu não vou organizar a fábrica. Acontece o mesmo com os movimentos de libertação nacional, digo, não vou entrar para as guerrilhas nas montanhas. Se eu entrasse, creio que seria mais um problema do que uma ajuda. O que eu posso fazer é viver onde estou, numa posição de grande privilégio, um privilégio indecente que não deveria existir, mas existe — e na posição de privilegiado, que me dá acesso a recursos e oportunidades, eu posso, de fato, fazer algo por eles. Mas isso não significa apoiar seus movimentos, mas seu direito de escolher o que eles querem fazer, e ter, assim espero, intercâmbios amigáveis sobre aquilo que acredito estar errado.

Dessa maneira, estou de acordo com os anarquistas de que não devemos apoiar esses movimentos. Nunca devemos apoiá-los; devemos apoiar o direito das pessoas entrarem para o movimento, se acharem que isso é certo para elas, sem que ninguém as impeça, e sem as impedirmos, pois temos um papel nisso. O que o governo dos EUA faz, nós podemos influenciar. Podemos escolher não fazer isso, mas devemos reconhecer que é uma escolha. Como aquelas pessoas

ontem à noite,¹⁹ que poderiam fazer muitas coisas. Elas estão na mesma posição privilegiada, e se não quiserem utilizar esse privilégio para ajudar as pessoas, bem, é uma escolha que não me parece a melhor.

Você está com 70 anos hoje. Você tem planos para se aposentar do MIT e talvez investir mais seu tempo no trabalho de militância, inclusive viajando mais?

Sim, tenho todo tipo de planos, mas ainda não estão muito definidos. Acredito que me aposentarei logo, mas isso depende de muitas coisas. Não posso ficar mais tempo viajando do que eu já fico, pois já viajo muito. Não estou certo de como dividirei a minha vida; eu nunca soube disso. Não estou tentando esconder nada, eu apenas não sei.

Tradução: Felipe Corrêa

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE O ANARQUISMO[†]

O que é bom e o que é ruim na estrutura organizacional dos leninistas, dos anarquistas e dos social-democratas, levando em conta seus conceitos táticos e organizacionais?

A questão é muito ampla. Os vários grupos tiveram todo tipo de estruturas organizacionais e conceitos táticos e organizacionais ao longo dos anos. Existem algumas tendências que se diferenciaram, o que já se sabe bastante, de maneira que não preciso repetir. Discuti em outras oportunidades por que defendo os conceitos de organização e as estruturas anarquistas — tática é uma outra questão, que tem sido duramente debatida (e corretamente, acredito) dentro de cada grupo e entre eles, considerando as circunstâncias em que surgem as considerações táticas. Em termos bem gerais, creio que Bakunin estava certo sobre a necessidade de construirmos o futuro na própria sociedade presente, e que os fatos que são construídos determinarão o futuro, se eles tiverem sucesso. Se as organizações de hoje são hierárquicas, autoritárias e tomam suas decisões de cima para baixo, esse é o tipo de sociedade que provavelmente surgirá de sua prática. Se as organizações forem participativas e livres, utilizando-se da autogestão e, quando muito, com as responsabilidades delegadas temporariamente, essa prática pode (não obrigatoriamente) ser o resultado de seu possível sucesso. Levando em conta a generalidade da questão, não vejo o que mais pode ser dito.

Você defende o Estado de bem-estar social e isso não é comum para um anarquista. A maioria dos anarquistas, George Woodcock por exemplo, acredita que o Estado de bem-estar viola a liberdade individual. O que você acha disso?

Parece-me que sua questão fundamenta-se em sérias confusões, as quais talvez resultem de uma tendência desastrosa que existe entre os intelectuais: o fato de impressionarem-se com *slogans* que, frequentemente, estão distantes dos problemas da vida real das pessoas.

¹⁹ Algumas centenas de membros de faculdades, comunidades e estudantes compareceram a uma palestra pública sobre "Intervenção humanitária" feita por Chomsky na Harvard University na noite anterior a essa entrevista. Para um tratamento da história de tais intervenções e as questões legais e filosóficas envolvidas, cf.: Noam Chomsky. *The Umbrella of U.S. Power: The Universal Declaration of Human Rights and the Contradictions of U.S. Policy*. Nova York: Seven Stories Press, 1999. [N. do E. americano]

[†] Entrevista provavelmente realizada no fórum do site da *Z Magazine*. Sem data e nome dos entrevistadores. [N. do E.]